

COLUNA DO HERÓDOTO

Seleções de rachadinhas



Heródoto Barbeiro (*)

Para uns é apenas uma transação comercial como outra qualquer. Para outros um pequeno pecado.

Afinal ninguém sai perdendo com a prática da divisão de uma quantia que, ou já está combinada, ou faz parte do orçamento devidamente autorizado. É uma operação que não paga imposto e não se declara abertamente, mas é um dinheiro que sai de um bolso e vai galhardamente para outro. Rachadinha não é um nome nobre. Nem de baixo calão. Para alguns é uma prática que vem de tempos antigos e apenas ganhou novos contornos com o desenvolvimento de operações capitalistas recentes.

Por exemplo aplicar a parte recebida em investimentos rentáveis ou custear despesas que não necessitam de contabilidade na declaração de imposto de renda do final do ano. A viagem de férias no exterior, com a família, uma reforma discreta na casa da praia, como a construção de uma adega de vinhos climatizada, ou mesmo uma cirurgia plástica de alto custo com a promessa de não ser declarada. Nada melhor que a velha e boa rachadinha quebradora de galho.

Não se sabe exatamente onde essa prática da economia marginal começou. Certamente não foi no Brasil. Há quem diga que foi importada das economias mais avançadas. Nem o nome de origem é esse. Rachadinha é uma tropicalização da prática de se dividir um dinheiro que surge de uma área cinzenta. Nem a poderosa receita federal do Tio Sam foi eficiente a ponto de impedir essa circulação ilegal de dinheiro.

Pegaram o Al Capone, diz o Maluco Beleza, mas não conseguem enquadrar os participantes das rachadinhas, uma vez que a prática é difusa no país. Pode ser útil para bancar campanhas eleitorais, via-

gens dos chefes, compra de votos nas periferias das cidades, bolsas de estudos para cabos eleitorais e um sem número de outras utilidades. Úteis para se manter no poder e com a conta bancária positiva.

Não se sabe se tal prática chega ao Congresso Nacional ou está confinada apenas nos círculos locais e estaduais. Imagine um senador ser acusado de ficar com parte dos salários de seus assessores, o escândalo que isso iria provocar. Pode dar até cassação de mandato e os vultos históricos da pátria revirariam em seus túmulos. A denúncia das rachadinhas é tornada pública originalmente no meio médico, pelo diretor do Colégio Americano de Cirurgiões. Pode parecer curioso que a divisão seja feita com quem tem um bisturi na mão.

Segundo o dr. Paul R. Hawley, o processo se dá quando um paciente pergunta para o cirurgião quanto vai custar a cirurgia. Ele estima em US\$300,00. Divide o valor com o clínico geral que o indicou para fazer a operação, assim cada um fica com a metade do valor. Há um aviso no código de ética das Associações Médicas que proíbe especificamente as rachadinhas. É uma infração grave pagar comissões de qualquer forma. Ainda assim elas existem, diz o médico.

Os defensores da distribuição da grana argumentam que além de ganharem pouco, os pacientes pagam primeiro os cirurgiões, e muitas vezes o médicos que indicaram, nem recebem pelo acompanhamento do paciente. Isto não justifica um recebimento em segredo uma vez que é um negócios escuso. A prática da rachadinha como se vê não é nacional, e nem se originou no terreno da política, como se noticia hoje, e teve a história contada na Seleções de julho de 1953.

(*) É âncora do Jornal da Record News o primeiro em multiplataforma (hbarbeiro@recordtv.com.br).

O mercado de locação de equipamentos de TI no Brasil

Você conhece o conceito de "total cost ownership" (TCO)? Numa tradução livre, significa custo total da posse

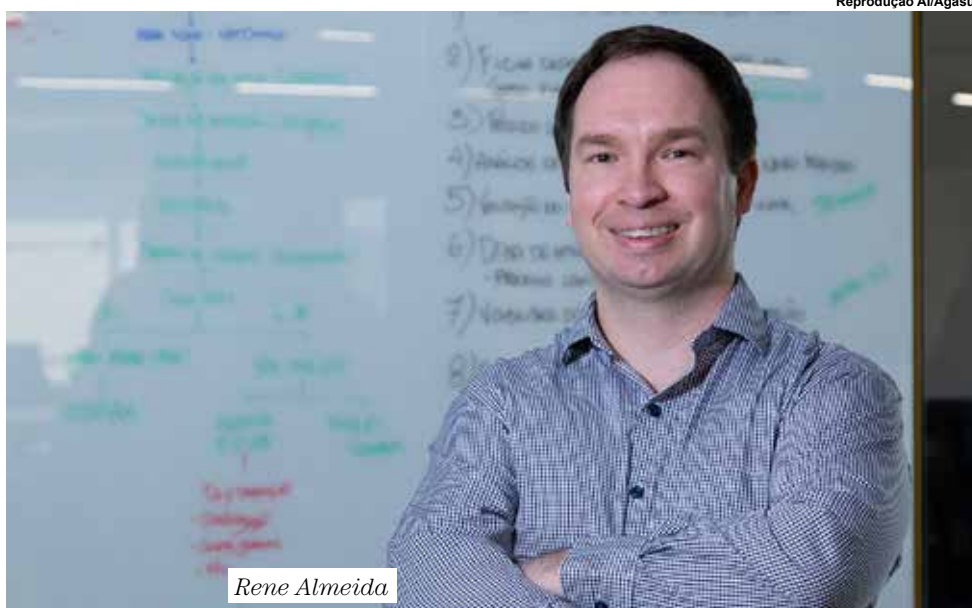
Rene Almeida (*)

Trata-se de uma ferramenta financeira que ajuda na avaliação de custos diretos e indiretos relacionados a investimentos importantes das empresas, como nas compras de software e hardware, por exemplo. O TCO também calcula os gastos referentes à manutenção desses itens — como licenças, treinamento de usuários, infraestrutura, peças, entre outros. Em resumo, o TCO mostra aos empresários se vale mais a pena investir na compra de um equipamento, ou escolher uma alternativa, como a locação com serviços.

Muitas empresas utilizam o TCO para decidir como investir, principalmente em equipamentos de TI, que geralmente demandam valores altos. O modelo Hardware as a Service — que envolve a locação — é uma opção para aquelas que precisam dos equipamentos mas não pretendem — ou não podem — fazer desembolsos muito elevados de uma só vez. Esse modelo permite que as empresas tenham acesso aos equipamentos necessários para suas atividades sem se preocupar com manutenção, obsolescência e suporte técnico, o que tem atraído a cada dia mais empreendedores.

No caso de computadores e equipamentos de TI, entre as vantagens de se alugar um produto está o fato de o cliente não precisar deslocar um time interno para fazer a manutenção dos equipamentos — assim, esses profissionais ficam liberados para atuar em outras frentes mais importantes para a essência do negócio. Além disso, o aluguel de equipamentos dá à empresa-cliente o direito à recuperação de créditos de impostos como PIS/Cofins, e abatimento no IRPJ para empresas no regime do Lucro Real.

Segundo dados do IDC Brasil, apenas 10% das empresas brasileiras alugam



Rene Almeida

seus equipamentos. No entanto, essa estratégia é amplamente difundida nos Estados Unidos desde os anos 1990; lá, cerca de 80% das empresas optam pela locação.

O cenário local está muito vinculado a uma questão cultural, centrada na ideia de que comprar equipamentos de TI é uma forma de investimento no negócio. Mas a realidade não é bem essa, como mostra uma conta simples. Para adquirir cinco computadores, em média uma empresa gasta R\$ 20 mil de uma vez só, e esse valor não inclui gastos com manutenção. No momento da compra esses bens estão novos; mas, em apenas dois anos, tendem a ficar ultrapassados, com uma capacidade limitada em termos de desempenho — o que naturalmente leva a empresa a gastar mais com a reposição. No mesmo exemplo, se a empresa decidisse realizar a locação dos cinco equipamentos, desembolsaria em torno de R\$ 750 mensais, e com todo o suporte incluído no preço mensal. Encerrados os dois anos, poderia renovar todo seu acervo mantendo o orçamento mensal, sem gastos adicionais. O exemplo deixa claras as vantagens do uso quando comparado à posse.

Foi durante a pandemia que muitas empresas brasileiras conheceram o modelo de locação de equipamentos e descobriram suas vantagens. O home office e as aulas online evidenciaram a necessidade de mais computadores nas residências, e aumentaram a demanda — como resultado, faltaram produtos (por escassez de peças vindas da China, que logo no início do ano entrou em lockdown) e os preços subiram (acompanhando a procura maior e a alta do dólar).

Um exemplo de outsourcing de tecnologia muito conhecido no Brasil é o de impressão. As impressoras são mais caras e têm manutenção mais difícil que os computadores, o que levou as empresas a terceirizar os serviços de impressão. Por que não replicar esse modelo para os demais equipamentos de TI? Nos Estados Unidos, a transição levou um tempo, e é o que também deve acontecer por aqui. Mas a substituição da compra pela locação nesse mercado parece ser um caminho sem volta.

(*) É co-CEO da Agasus, empresa especializada na locação de equipamentos, outsourcing e soluções em TI, e gestor do fundo de investimento 220 Capital.

Crescem ataques com robôs zumbis para fraudar cartões de crédito no varejo, aponta levantamento

A HST (<https://www.hst.com.br/>), líder em tecnologia da informação para o ecossistema de pagamentos, realizou um levantamento no qual identifica um aumento na incidência de ciberataques com o uso dos chamados "robôs zumbis", orquestrados através de uma tática hacker conhecida como PAN enumeration. De acordo com a estimativa da empresa, o crescimento na ocorrência deste tipo de investida nos últimos 12 meses foi de 100%.

"Neste tipo de contravenção, cibercriminosos tentam identificar números de cartões de crédito válidos, para posteriores fraudes, através da implantação de bots, que atuam de forma sistemática diretamente no site dos varejistas que não implementam medi-

das preventivas ao acesso de bots", explica Eduardo Cunha, CEO da HST.

O executivo explica o funcionamento deste tipo de tentativa de fraude. "Cartões de crédito normalmente possuem 16 dígitos, sendo os primeiros seis deles, chamados de BIN, identificadores da bandeira e banco emissor, havendo outros dez dígitos para identificar dados da conta, exclusivos de cada cliente. Sobram 10 bilhões de possibilidades, o que parece muito. Mas se levarmos em conta que os cartões existentes normalmente estão agrupados em pequenos segmentos dentro deste universo de possibilidades, um fraudador com um pouco de imaginação e paciência, facilmente identifica estes segmentos. Estes fraudadores implementam bots que tentam

realizar compras em comércios autênticos, variando o número do cartão e repetindo a operação milhares de vezes. A transação não se concretiza, mas o fraudador descobre números de cartão válidos."

A partir dos cartões válidos descobertos, o fraudador realiza uma nova rodada de tentativas, desta vez tentando descobrir a data de vencimento, que é uma tarefa bem mais fácil, considerando que os cartões tem vencimento em até cinco anos. Isso daria 60 possibilidades, o que é muito pouco para um ataque de força bruta. Com números de cartões e datas de vencimento "quentes", o fraudador pode optar por tentar transações sem código de validação ou executar uma terceira rodada para descobrir códigos de segurança.

Aplicativo para alfabetização: equipe de alunas da USP é premiada em desafio internacional

Já imaginou como seria sua vida se você não soubesse ler e escrever? Quatro estudantes do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da USP, em São Carlos, não só imaginaram essa situação como resolveram pesquisar os impactos do analfabetismo na qualidade de vida dos cerca de 750 milhões de adultos que vivem hoje no mundo sem poder ler nem escrever.

O que elas descobriram? "Descobrimos que é um privilégio saber ler e escrever desde pequeno", diz a estudante Luísa Moura, que cursa Ciências de Computação no ICMC. Os impactos do analfabetismo vão desde a diminuição na renda familiar e a redução na prática de exercícios físicos até uma menor probabilidade das crianças da família alcançarem um

alto nível educacional.

Para democratizar o acesso aos conhecimentos básicos que habilitam a plena leitura e a escrita, Luísa e mais três alunas do ICMC decidiram propor a criação de um aplicativo para celular especialmente para atender aos 62 milhões de adultos brasileiros que são funcionalmente analfabetos: pessoas que podem ler sentenças curtas, escrever o próprio nome, mas são incapazes de ler livros.

A solução também poderá ser útil para os demais 11 milhões de adultos brasileiros que são completamente analfabetos, ou seja, não conseguem ler ou escrever nem uma palavra. Nesse caso, eles provavelmente precisarão de algum tipo de apoio — de familiares ou de professores — para utilizar o aplicativo (aplicativo-abc@gmail.com).

News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Executivos de bancos questionam o avanço da transformação digital de suas empresas

@AFICO, líder mundial em software de análise preditiva, realizou uma pesquisa em parceria com a empresa de inteligência de mercado Arizent sobre as percepções de líderes de bancos com relação à transformação digital. O estudo indicou que a maioria dos executivos (71%) expressam dúvidas sobre a capacidade de suas empresas responderem ao cenário de disrupção digital. A omnicanalidade foi considerada o maior problema para os bancos, sendo que quase dois terços (62%) admitem ter dificuldades para oferecer um serviço consistente em todos os canais. Apenas 3% dos entrevistados acreditam que suas companhias tomaram as medidas necessárias para se adaptarem às evoluções tecnológicas. Relatório completo em: <https://www.fico.com/ABresearch>.

Guiabolso oferece aos seus usuários retrospectiva das finanças

@O Guiabolso — plataforma de soluções financeiras que facilita e melhora a vida financeira das pessoas, através de gestão, produtos e pagamentos — preparou uma retrospectiva do ano. Gratuita, a utilidade já está disponível para quem acessou o Guiabolso ao menos uma vez nos últimos seis meses com conta ou cartão conectado ao app. A retrospectiva mostra o saldo final do ano de todas as contas e cartões conectados ao

aplicativo; gastos por categoria (qual mais gastou e qual menos gastou); se teve gastos com juros e tarifas (como cheque especial) e quanto foi; gastos com DOC e TED e quantidade de transações feitas; e score de crédito. Os dados serão obtidos via e-mail. Vale ressaltar que para ter uma análise completa do ano, o usuário precisará ter utilizado o Guiabolso ao menos uma vez em cada um dos 12 meses (www.guiabolso.com.br).

Aulas gratuitas de investimento na Bolsa de Valores

@Apesar da crise provocada pelo novo Coronavírus, o mercado financeiro brasileiro tem boas notícias: O Ibovespa subiu 15,9% no último mês, fechando aos 108.930 pontos, no melhor novembro desde 1999. O fluxo de investidores pessoas físicas na bolsa também cresceu no mês que antecede o Natal, e seguindo a tendência do primeiro semestre, o número de brasileiros investindo continua em alta. Para ajudar estes investidores iniciantes a obterem uma melhor performance, o especialista em investimentos, Lucas Rufino, realiza a Semana do Investidor Iniciante, do dia 10 a 15 de janeiro, na qual disponibiliza quatro vídeos aulas que vão ajudar as pessoas a identificar quais são os melhores investimentos, como montar uma carteira de sucesso, investimento com segurança, definição de metas e previsão de retorno de investimento, tópicos essenciais para quem está começando. O conteúdo é gratuito e os interessados podem se inscrever em: <https://1milhaoem30.com/semana-do-investidor-iniciante/>